

DEPÓSITO LEGAL
30. AGO. 1966

AGOSTO DE 1966

SABADO

6

PREÇO: 2500

ANO IX — N.º 2832

ABC

DIÁRIO de ANGOLA

Beechcraft



O AVIAO IDEAL
IMAUTO. S. A. R. L.



FUNDADOR:
M. MACHADO SALDANHA

Propriedade de Indústrias A B C, S. A. R. L.
DIRECTOR: A. Penha Gonçalves (Licenciado em Direito)

ESTRADA DE CATETE
TELEFS. 9114/42 C. P. 1245

DUAS GRANDES INAUGURAÇÕES

EM LISBOA:

A PONTE SOBRE O TEJO



Magestoso aspecto da Ponte Salazar, hoje inaugurada



Parte do cais sul, vendo-se o «Goa» em 1.º plano

EM LUANDA:

NOVOS CAIS das instalações portuárias

«Apenas me resta formular um voto, que já fiz no início desta obra: que o consumo da Província e, sobretudo, a sua produção, venham dentro em pouco a exigir

da Secretaria Provincial das Obras Públicas e Comunicações, a continuação desta fase do porto» — afirmou esta manhã, o Chefe da Província, na cerimónia inaugural dos novos cais do Porto de Luanda.

Tudo decorreu com singeleza. Numa tribuna especial, erguida a melo do cais sul, tomaram lugar as mais altas entidades da Província, Comandos-Chefes das Forças Armadas, elementos ligados ao empreendimento. Dezenas (Conclui na 14.ª pág.)

TRAGÉDIA EM MOÇAMBIQUE, ONDE UM BARCO DE PASSAGEIROS COLIDIU VIOLENTAMENTE COM UMA DRAGA
(Leia notícia na página 4)

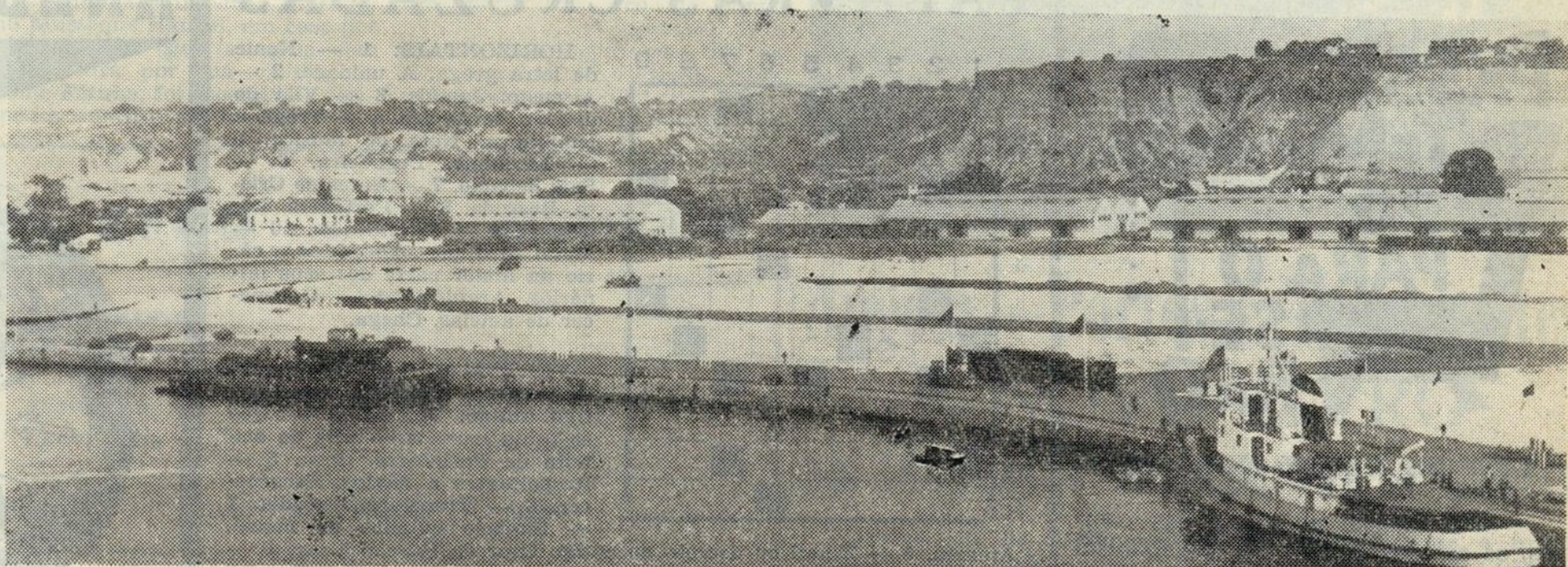
A Ponte é a verdade. Uma verdade em aço que se estende sobre o corpo de um rio. Um rio extenso como o Tejo, que se alonga até ao mar português sem as dúvidas que marcam as grandes conquistas.

A Ponte é uma realidade de corpo e alma. Ela aí está, entre as duas margens do Tejo, abrindo, a quem a quer ver, o caminho de um entendimento. E também de um reconhecimento, por parte dos que, alguma vez, tiveram a coragem de sonhar com esta realidade.

Não apenas uma ligação entre dois cais, às margens dum estuário onde nasceu a história marítima de um povo, mas uma certeza cultivada na continuação de um país que ganha à própria História o seu futuro.

A ponte é uma mensagem — assim entende quem deduz e penetra a verdade das mais significativas realizações.

(Conclui na 4.ª página)



Todo este terreno, foi «roubado» ao mar que, por sua vez, escondeu a importância da obra.



Representantes: IMAUTO, S. A. R. L.
SIMBOLO DE QUALIDADE EM AR CONDICIONADO



PONTES SOBRE O TEJO

(Conclusão da 1.ª pág.)

Eram, precisamente, 12,47 horas, quando o Senhor Presidente da República, acompanhado pelo ministro das Obras Públicas, Eng. Arantes e Oliveira, premiu o botão que inaugurou, simbolicamente, a Ponte Salazar, proferindo as seguintes palavras: «Atingimos o momento culminante desta grande etapa da vida Nacional, com a inauguração da Ponte sobre o Tejo. Dou, por isso, graças a Deus, por me ter permitido pôr ao serviço do País esta obra grandiosa».

Para presidir ao importante acontecimento, que marca uma data histórica na vida da Nação, o Senhor Almirante Américo Tomás chegou ao local onde procederia à simbólica inauguração, eram 10,28 horas, sendo recebido pelos mais altos dignatários da Nação.

O local previamente destinado para as cerimónias da inauguração encontrava-se ornamentado com diversas colgaduras douradas, verdes e vermelhas, simbolizando as cores nacionais.

De todos os pontos do País acorreram pessoas para assistir ao histórico acontecimento, podendo dizer-se que, através dos presidentes dos Municípios de todo o Mundo Português, Portugal inteiro encontrava-se junto à Ponte Salazar, que ficará para a posteridade como que um abraço do Norte ao Sul.

Ao lado do Senhor Presidente da República sentavam-se o Cardeal Patriarca de Lisboa, Presidente do Conselho, Presidentes da Assembleia Nacional e do Supremo Tribunal de Justiça, o representante do Governo de Espanha, General Muñoz Grande, o Chanceler da Áustria, Ministro das Obras Públicas de Espanha, Ministro Juarez Távora, do Brasil, ministro alemão dos Transportes, outros membros de governos estrangeiros e todo o Governo Português.

A toda a largura da Ponte uma enorme fita, rodeada com a Bandeira Nacional.

O Chefe do Estado, à sua chegada, passou revista à Guarda de Honra, constituída por um batalhão misto de 500 homens, com bandeira e fanfara, vendo-se à frente um destacamento da Marinha. E, enquanto o Supremo Magistrado da Nação assistia ao desfile da Guarda de Honra, ouviram-se as salvas do estilo, ao mesmo tempo que formações de aviões a jacto, da Força Aérea Portuguesa sobrevoavam o «histórico» estuário.

Ao dirigir-se para o local onde se verificariam as cerimónias preliminares, o Senhor Presidente da República foi cumprimentado pelo ministro das Obras Públicas, vendo-se na primeira fila, o Presidente Prof. Dr. Oliveira Salazar, acompanhado de todos os membros do Governo, sendo o Chefe do Estado igualmente cumprimentado pelas diversas delegações nacionais e estrangeiras que presenciaram o grande acontecimento.

Depois de proferidos discursos que nutro local inserimos, o Senhor Presidente da República impôs as insígnias de 50 condecorações aos mais directos obreiros ligados à construção da Ponte. Antes, distinguiu particularmente o ministro Arantes e Oliveira, salientando ser seu dever condecorá-lo em primeiro lugar, facto que bem demonstrava a gratidão da Nação pelo empreendimento que se inaugurava. E após-lhe as insígnias da Grã-Cruz da Ordem de Santiago e Espada.

Depois, aqueles obreiros, cabendo a Grã-Cruz da Ordem do Infante ao eng. Canto Moniz, director do Gabinete de Estudos da Ponte.

Finalmente, S. E. o Cardeal Patriarca de Lisboa, que para o efeito se paramentou no próprio local, procedeu à bênção da Ponte, ouvindo-se cânticos alegóricos.

Premido o botão da simbólica inauguração, o cortejo automóvel percorreu toda a Ponte, até ao Palácio de Belém, onde cerca de 3000 automóveis desfilarão perante o Chefe do Estado. Com o cortejo automóvel, estava inaugurada a Ponte sobre o Tejo que, a partir de agora, passará a designar-se «Ponte Salazar», como sinónimo de homenagem da Nação ao

grande vulto da Unidade Portuguesa.

Uma singela lápide assinaia o acontecimento, com as seguintes dizes: **MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS — PONTE SALAZAR — AGOSTO DE 1966.**

O abraço do Norte ao Sul consumou-se, assim como se tornou realidade um sonho projectado há 90 anos.

Ao mesmo tempo que era dada autorização a fotógrafos e a operadores registarem o histórico acontecimento, simbolizado no abraço dos dois Chefes da Nação — Srs. Presidente da República e do Conselho — enviavam-se aleluias de graças pela consumação a importante obra.

Terminado o coro de Aleluias, iniciou a série de discursos o eng. José do Canto Moniz, Director do Gabinete de Estudos da Ponte «Salazar».

O DISCURSO DO ENG. CANTO MONIZ

O Eng. Canto Moniz começou por dirigir-se ao Chefe do Estado, de quem referiu os relevantes serviços prestados ao longo de uma carreira brilhante, que culminaram com a renovação da Marinha Mercante e a forma como vem exercendo os seus mandatos de Presidente da República.

Dirigindo-se, depois, ao Sr. Dr. Oliveira Salazar agradeceu-lhe «a obra extraordinária que vem realizando, neste País, há quase quatro décadas».

«Esta ponte que vamos inaugurar — disse — integra-se no grande quadro de realizações dos últimos decénios e é, acima e para além de tudo, uma obra de V. Ex.ª».

O Director do Gabinete da Ponte saudou, também, o Senhor Cardeal Patriarca, para lhe agradecer a presença e a bênção do notável empreendimento e recordou que fora S. E. quem dera a bênção à primeira peça, lançada à água em 10 de Janeiro de 1963, dando início à maior obra pública jamais realizada em Portugal.

Depois de referir a alegria de todos por viverem aquele momento acrescentou: «E, pois, com a maior satisfação que damos por praticamente concluída a nossa tarefa com 6 meses de avanço sobre a data prevista, reduzindo-se, assim, de 51 para 45 meses, o tempo de construção da Ponte sobre o Tejo, e do conjunto dos seus acessos ferroviários, que comportam quinze quilómetros de auto-estrada e 32 de estruturas de betão armado e, ainda, um dos maiores viadutos do seu género».

Mais adiante salientou: «Para realizar este empreendimento tivemos de escavar e transportar 6,5 milhões de metros cúbicos de solos e rochas, de fabricar e moldar em fundações e estruturas, cerca de 300 mil metros cúbicos de betão e de fabricar e montar 80 mil toneladas de aço, utilizando o trabalho de 1825 000 homens-dia. Na construção da ponte sobre o Tejo foram tomadas excepcionais cautelas, para prevenir os acidentes e reduzir ao mínimo o tributo em estropiamentos e vidas, com que a Humanidade paga sempre as suas grandes realizações. Embora os resultados obtidos sejam dos melhores registados nos anais das grandes obras públicas, perdemos quatro homens nos trabalhos de construção e para esses companheiros de trabalho, que perderam a vida por esta obra, vai o preito da nossa saude e da nossa melhor homenagem».

A terminar, o Eng. Canto Moniz disse: «Daqui a momentos vai V. Ex.ª entregar à Nação uma notável obra de engenharia do nosso tempo.

«Neste momento solene, nós desejamos pedir que ela seja considerada muito mais do que uma bela obra que um governo ciente das suas altas responsabilidades possível, desejamos que esta obra seja considerada como um verdadeiro símbolo de confiança que nós, portugueses, temos em nós próprios para planear e realizar as nossas obras, por maiores que elas sejam, em todas as circunstâncias da vida nacional.

Desejamos, também, que esta obra

venha a ser considerada pelas gerações futuras não só um valioso instrumento de trabalho da nossa Grei mas, também, uma verdadeira mensagem que lhe deixamos — mensagem de fé que temos nos destinos da nossa Pátria».

No final do seu discurso, o eng. Canto Moniz dirigiu agradecimentos a todos os seus mais directos colaboradores, Empresa adjudicatária, membros da alta finança, Bancos oficiais e comerciais, em especial aos de Washington e Nacional Ultramarino. Destacou, em especial, a actividade desenvolvida pelo ministro das Obras Públicas que, «há 12 anos, vem desenvolvendo a mais notável acção ao serviço do País, a par do erguer do grande empreendimento que dentro de momentos será inaugurado».

ALGUMAS PALAVRAS DE ROGER BLOUGH

Ainda ressoavam, no ar, os aplausos às últimas palavras proferidas pelo Eng. Canto Moniz, usou da palavra o sr. Roger Blough, presidente do Conselho de Administração da «United States Steel C.o» que em, súmula, disse:

«Como sabeis, o contrato para realização desta Ponte não foi posto de maneira nenhuma como uma ajuda americana a Portugal. Foi adjudicado ao vencedor do concurso público internacional e nós, os da United States Steel, não só ficamos agradecidos e honrados por termos sido os licitadores melhor sucedidos na competição como, ainda, ficamos orgulhosos de podermos aceitar o encargo de conseguir esta obra monumental».

Em seguida, o Sr. Roger Blough referiu todo o trabalho de colaboração que permitiu, através da «Ponte Salazar», ligar Lisboa a Almada. A terminar as suas palavras, manifestou o seu agradecimento e a sua admiração ao Eng. Arantes e Oliveira, que foi o grande impulsor desta obra.

A BREVE ALOCUÇÃO DO PRESIDENTE DO MUNICÍPIO DE ALMADA

Ressoava, ainda, pelas cercanias que rodeiam o Tejo o OBRI-

GADO do sr. Roger Blough quando, em palavras de vibrante patriotismo, o sr. dr. José da Glória Pacheco, presidente da Câmara de Almada disse, em síntese:

«Quando todo este rincão de «paraíso terreal» foi escolhido pelo venerando Episcopado Português para nele se erguer o monumento a Cristo-Rei, Almada tornou-se uma terra de oração e peregrinação. A Ponte hoje inaugurada vem, incontestavelmente, valorizar aquele Monumento, facilitando as grandes peregrinações».

E mais adiante disse: «As minhas últimas palavras são para V. Ex.ª, Sr. Presidente da República, para lhe dizer como estamos gratos por a «Ponte Salazar» ser feita na futura cidade de Cristo-Rei e junto da imagem do Redentor da Humanidade, guia sempre seguido pela nação Portuguesa desde a sua fundação».

O DISCURSO DO GENERAL FRANÇA BORGES

O sr. general França Borges, presidente da Câmara Municipal de Lisboa dirigiu-se, em seguida, às entidades presentes, a quem endereçou cumprimentos e agradecimentos por ali se encontrarem, especialmente os representantes dos diversos países amigos que propositadamente se deslocaram para assistir ao importante acontecimento, bem como aos representantes diplomáticos acreditados em Portugal.

Dirigidos estes cumprimentos, o sr. General França Borges iniciou o seu discurso, afirmando, em determinada altura, o seguinte:

«O Tejo, a velha estrada de Lisboa, está em festa».

O Tejo, a cujo estuário acorrem desde à séculos as estradas que vêm das cinco partes do mundo, vibra e grita.

O Tejo de onde partiu a Alma Portuguesa como semente da cristandade, veste-se de galas nesta hora e neste dia».

Em seguida, o General França Borges referiu o novo perfil do Tejo, após a construção da «silhueta ligeira e elegante» que passou a ligar as duas margens do seu estuário. Indicou a impor-

tância real que a ponte sobre o Tejo virá a ter na economia da nação».

Na sequência do seu discurso, o presidente da Câmara de Lisboa historiou o movimento do «28 de Maio» que «tornou possível esta e outras realizações, agradecendo a Salazar o facto de ter criado uma doutrina que ele próprio justificou».

A terminar, o General França Borges salientou o acontecimento inaugural pela singular importância de que se reveste até no plano internacional.

IMPORTANTES DECLARAÇÕES DO MINISTRO DAS OBRAS PÚBLICAS

Finalmente, a palavra do principal obreiro da «Ponte Salazar»: — Eng. Arantes e Oliveira, ministro das Obras Públicas que, em palavra eloquente historiou o importante acontecimento que hoje se consumou.

Em breve síntese, o Eng. Arantes e Oliveira afirmou, em determinada altura do seu discurso, o seguinte:

Rendo homenagem à memória do Eng. Miguel Pais a quem se deve a primeira sugestão de «atravessamento» do estuário do Tejo, perentendo-lhe, por conseguinte, o mérito de ter despertado o interesse por este problema que, depois, não mais se extinguiu.

Após ter referido a extensa bibliografia constituída por tantos trabalhos de mérito variável, passou a indicar a cronologia do empreendimento.

Em 1933 registou-se a primeira iniciativa do governo, por intermédio do ministro Duarte Pacheco, trazida no conhecido projecto da Ponte, entre o Beato e Montijo. Desde então, o governo nunca mais perdeu o comando sereno e ponderado de tão importante assunto.

Mais adiante, afirmou: «Assim chegamos à fase que hoje se dá por encerrada, tão auspiciosamente e cuja característica muito notável está no método e segurança exemplares com que se trabalhou durante treze anos — que tantos são os que nos distanciam da data da Portaria dos ministros das Obras Públicas e Comunicações Eng.ª José Frederico Ulrich e Manuel Gomes Araújo criando, em 1953, a Comissão de Estudos presidida pelo Eng.ª Barbosa Carmo, em cujo relatório apresentada três anos, depois o Eng.ª Guimarães Lobato apoiou a decisão do governo de dar execução ao grande empreendimento. Cabe, aqui, sublinhar a contribuição decisiva do Professor Marcelo Caetano, como ministro da presidência, para o bom encaminhamento final dos propósitos do governo».

Seguidamente, o ministro salientou, com reconhecido apreço, a colaboração prestada pelos dirigentes da empresa adjudicatária de todos os que trabalharam nesta grande obra, não deixando de dirigir uma palavra aos seus colegas do governo e citando, especialmente, a decisiva colaboração prestada pelo Ministério das Finanças que, sob a orientação inicial do Professor Pinto Barbosa, tornou possível este grande empreendimento.

A terminar, o Eng. Arantes e Oliveira invocou o facto desta obra ter sido inaugurada no 40.º aniversário de uma data que o país comemora e que trouxe à Nação um espírito novo, tornando possível dar corpo a obras como esta que, antes, se tinham como meros sonhos irrealizáveis. Manifestou ainda o sentimento de gratidão, expressamente traduzido pelo nome de Salazar que, doravante, a ponte terá, designada em interpretação da vontade nacional que, ao ministro responsável, competia atender no uso de indeclináveis prerrogativas.

NA BAÍA DO PUNGUE UM BARCO DE PASSAGEIROS colidiu violentamente com uma draga

BEIRA, 6 — (L) — Na baía do Pungue, o barco «Adamastor», utilizado no transporte de passageiros e pequena carga de cabotagem, pouco depois de sair do cais de Chiveve com 70 autóctones, embateu violentamente com a draga «Matola» que estava fundeada fora do canal.

O «Adamastor» que seguia para Vilanculos, ficou com a cabine e mastros destruídos. Na altura do choque, alguns passageiros foram projectados no mar, outros ficaram na embarcação, entalados entre a carga.

Dado o alarme barcos de capitania e entre eles, o «Vilça» compareceram no local e rebocaram o «Adamastor» até ao cais de Chiveve. Dentre as vítimas do acidente, há mortos e feridos que foram transportados em ambulância para o Hospital, no meio de cenas lancinantes de familiares sinistrados.

Segundo informações colhidas nesta cidade, o «Adamastor» deveria sair do porto às quatro ho-

ras da madrugada com destino a Vilanculos. Mas o mestre José Ranganhe, ao ver a bordo todos os passageiros e a carga, resolveu antecipar a partida, sem a autorização da Capitania, seguindo uma rota que os sobreviventes, afirmaram ser errada, do que deram conhecimento ao referido marinheiro.

As autoridades detiveram Ranganhe, para apurar as responsabilidades.

Deram entrada no Hospital da Beira, Jorge Penicela com ferimentos na cabeça e em todo o corpo; Joaquim Fastela com quemaduras em virtude de ter tombado, sobre ele, um fogareiro aceso; e mais três feridos cuja identidade se desconhece.

Desconhece-se até agora o número de mortos e de feridos.

Assinala-se entretanto, que a draga estava devidamente assinalada com iluminação regulamentar e que a rota que o «Adamastor» tomou, nunca levaria a Vilanculos.